

## **PROJETO TRAVESSIA: DAS OFICINAS DE LEITURAS, NARRATIVAS À CIDADANIA**

TEREZA ELIZETE GONÇALVES (UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ).

### **Resumo**

O presente relato versa sobre um projeto extensionista desenvolvido pela PREX-UNITAU, e tem como objetivo implementar ações de prevenção junto a adolescentes e seus familiares em circunstância de vulnerabilidade social. Ao estreitarmos laços com a comunidade, oportunizamos-lhes um contato com os produtos culturais, de modo a instigá-los na direção de um pensamento crítico-reflexivo, que lhes possibilite transpor a realidade da violência para uma atitude pró-social e cidadã. Recorremos à Biblioterapia para além do gosto estético, como um patrimônio humano imprescindível e modo de incentivo ao protagonismo juvenil, em termos do sentimento de pertencimento e de participação sócio-cultural implicada, voltados ao combate dos preconceitos e desigualdades que abatem esses cidadãos. O desinteresse pela leitura e a conseqüente segregação cultural levam à expropriação de talentos e de oportunidades e disseminam a desesperança nos jovens quanto ao seu porvir. As Oficinas do Projeto Travessia ocorrem no âmbito institucional (em rede com órgãos públicos municipais e estaduais) e comunitário. Consistem em instâncias de escuta, narrativa e produção textual, plástica ou cênica, a partir da leitura, ferramenta principal deste trabalho. Na prática mostram-se propiciadoras do aumento das competências afetivo-culturais dos indivíduos para transformar as suas realidades adversas, com respostas culturais e sociais mais criativas e eficazes. Relatos, contos e cantos promovem ainda uma significativa articulação intrapsíquica nos leitores, com efeitos nos padrões de auto-percepção e de formação de valores, que se refletem nos laços sociais e no convívio familiar. A dimensão de trânsito e de passagem que está contida na sua denominação, favorece os deslizamentos necessários à constituição do sujeito, permitem-lhes encontrar formas renovadas de conferir significado à suas existências e de estar no mundo e nele se incluir condignamente.

### **Palavras-chave:**

cultura, cidadania, inclusão cultural.

### **Projeto Travessia: Das Oficinas de Contos e Narrativas de Histórias à Cultura e Cidadania.**

Autora: Tereza Elizete Gonçalves[1]

Resumo: Este projeto extensionista busca implementar ações de promoção, reconhecimento e valorização da diversidade cultural, através do incentivo à leitura junto a adolescentes em alto risco de vulnerabilidade psicossocial. Através de práticas multiculturais, visamos dirimir os efeitos da *exclusão cultural* que acomete esses jovens, transformando sua condição de vítimas à de cidadãos plenos. Consideramos que a leitura é um *direito humano* fundamental nem sempre assegurado a todos os brasileiros, portanto buscamos viabilizar o acesso dos beneficiados aos artefatos culturais e sociais tão necessários à preservação do senso de dignidade e desenvolvimento humanos. As Oficinas de Leitura são promovidas no âmbito institucional e comunitário e consistem em instâncias grupais de leitura, escuta e de narrativas, que permitem revisitar, tecer e ordenar a

história pessoal traumática, além de apontar para formas cidadãs de intervir na vida em sociedade pela via do protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Violência, Exclusão Cultural, Cidadania.

"Há histórias de todas as espécies. Algumas nascem ao serem contadas; sua substância é a linguagem e, antes que alguém as ponha em palavras, são apenas uma emoção, um capricho da mente, uma imagem ou uma reminiscência intangível. (...) E há histórias secretas que permanecem ocultas nas sombras da memória. (...) Por vezes, para exorcizar os demônios de uma recordação, é necessário contá-la como um conto."  
( I. Allende, 1991)

O presente relato versa sobre um projeto extensionista desenvolvido desde o ano de 2008 no município de São José dos Campos, com o apoio da PREX-UNITAU, e tem como objetivo implementar ações de prevenção secundária especializada quanto às manifestações de violência, em particular a violência intrafamiliar. Como eixo norteador, insere-se na direção da construção e afirmação de políticas públicas protetivas a crianças e adolescentes, reconhecidos como sujeitos de direitos.

Somos profissionais afeitos ao estudo das questões da subjetividade e inserção cultural e, neste percurso, consideramos o fator da violência como um dos mais pujantes da vida atual, responsável por conflitos e transtornos de toda ordem. As ações que desenvolvemos resultam de um esforço de cooperação das redes intra e interinstitucionais, de parcerias e co-responsabilização no atendimento integral a crianças e adolescentes em circunstâncias de elevado risco psicossocial. Muitos deles, negligenciados e banidos de seus lares, experimentaram desde muito cedo a instalação transitória ou definitiva em instituições, a perversa imersão na vivência de rua e marginalidade, e neste exílio, o impactante confronto com a lei. Alguns dos jovens acompanhados se encontram em condição de cumprimento de medidas sócio-educativas.

As Oficinas do Projeto Travessia são assim promovidas no âmbito institucional e comunitário e consistem em instâncias de escuta, narrativas e de produção textual, plástica ou cênica, que visam dirimir os efeitos da **exclusão cultural**, retirando os jovens do circuito de repetição dos maus-tratos e marginalização. Por meio desta pesquisa-interventiva[2], que pretendemos seja de alto impacto social e educacional, adotamos estratégias educativo-terapêutico grupais, as quais objetivam à redução de riscos e de danos.

Oportunizamos aos adolescentes um contato com os produtos culturais que fazem parte da identidade brasileira, de modo a instigá-los na direção de um pensamento crítico-reflexivo, e a possibilitar-lhes transpor a realidade da violência para uma atitude pró-social inclusiva e cidadã. Nosso foco é o incentivo ao protagonismo juvenil, em termos do sentimento de pertencimento e de participação sócio-cultural implicada, voltados ao combate dos preconceitos e desigualdades que abatem esses cidadãos. Buscamos assim romper com a fatalidade social que ameaça esta população, instaurando um movimento de acontecer transformador, num tempo gerúndio que não se esgota e nem se conclui, portanto não há limite para a permanência do jovem no projeto.

As travessias no mundo das palavras e idéias, o ler, refletir e dialogar, permitem revisitar e ordenar a história pessoal traumática; deste modo conflitos podem ser simbolizados, mobilizam-se memórias afetivas e a elaboração imaginativa, despertadas em contexto de segurança e de contenção, como pretendemos nas Oficinas.

Os encontros comportam debates, comunicação em murais de notícias, produção gráfica, jogos cênicos, discussões a partir de leituras e de projeções de filmes, visitas a sebos e livrarias, feiras culturais, lançamentos editoriais e cinematográficos; incluem ainda contatos com contadores de histórias, livreiros, realização de entrevistas com autores regionais. Visamos também as construções/criações de textos poéticos, teatrais, musicados, o que quer que se esboce nas manifestações escritas dos adolescentes.

A denominação *Travessia* pela referência a movimento, passagens e transposições, em oportunidades vigorosas de mudanças e de reintegração social, disponibilizando-lhes símbolos e deslizamentos subjetivantes, do lugar da violência bruta na qual se constituíram. Pretendemos estimular o senso de inclusão e de equidade dos jovens, contrapondo a intolerância, o ócio e as atividades ilícitas, à mobilização e participação conscientes.

Temos em consideração que a leitura é uma necessidade cidadã e um direito humano fundamental, portanto incentivamos e viabilizamos a democratização e o acesso aos bens culturais disponíveis. Por outro lado o desinteresse pela leitura e a conseqüente segregação cultural, constituem fator de vulnerabilidade e de desestímulo no enfrentamento da violência, levam à expropriação de talentos e de oportunidades, e disseminam a desesperança nos jovens, quanto ao seu porvir. Compreendemos que a imersão alienada e precoce no trabalho infanto-juvenil, explorador e incapacitante, é subsidiada pela marginalização, desassistência e evasão escolar que afastam o jovem da autonomia, emancipação e desenvolvimento.

As Oficinas do Travessia como outras experiências de estímulo à boa leitura, contribuem para ampliar as funções imaginativas, favorecem a estruturação do pensamento criativo e construtivo e as habilidades de comunicação oral e escrita; todavia elas se pautam por oferecerem um lugar de sustentação simbólica àqueles carentes de significação, de unicidade e valorização de si. Na prática elas mostram-se propiciadoras do aumento das competências afetivo-culturais dos indivíduos, no sentido de transformar as suas realidades adversas, com respostas culturais e sociais mais criativas e eficazes. Os adolescentes encontram meios para (re)instaurar os sentidos de ser e de estar no mundo incluindo-se nele condignamente, movimentos de identificação que requerem um esforço existencial-literário contínuo. Além de necessários à compreensão de seu universo, os relatos, contos e cantos promovem ainda uma significativa articulação intrapsíquica nos leitores, com efeitos nos padrões de auto-percepção e de formação de valores, que se refletem nos laços sociais e transformam o convívio familiar. Assim sendo, o texto bibliográfico concerne sempre à constituição do sujeito.

Ler não é nunca um ato inócuo, pois deriva questionamentos e permutas, atíça renovadas decomposições e composições. Encontros e dissonâncias se põem em curso. Há constituição e recuperação de sentidos pessoais, ativados nos espelhamentos das identificações e projeções que se processam em maior ou menor intensidade durante a leitura. Ler é deparar-se com o universo do outro, neste sentido é alienar-se, perder-se... porém é, sobretudo, encontrar-se, reconhecer-se.

Pensamos com Almeida (2008) que, a leitura se afirma como "ato político", indissociável do exercício da cidadania. Nesta direção posicionamo-nos como mediadores da experiência de ler e de existir, cultivando idéias e expressões linguageiras favorecedoras, que dêem sentido à própria história e abram veredas cidadãs.

Na tarefa de formação de cidadãos/leitores ouvimos dos jovens que se iniciam na frequência às Oficinas, especialmente daqueles mais alheios ao universo livresco, que a experiência de ler, quase sempre relacionada à exigência escolar e à produção acadêmica, consiste numa vivência pouco criativa e entediante. O convite a ler costuma ser recebido por alguns deles com desconfiança, indiferença ou, até mesmo, com franca resistência. Tais dificuldades têm-nos conduzido na direção de buscar e inventar pontes para superar os estados de segregação, nos quais se ocultam. Petit (2008) alerta para uma postura não-invasiva na apresentação dos textos e idéias, pois "a novidade pode ser sentida como ameaçadora" (p. 179), vivência que detectamos nos adolescentes diante do estranho. Observamos que, gradativamente, a imersão deles em um universo cultural distinto, tal como oportunizado no Travessia, faz despontar no seu cotidiano relacional e afetivo, os sentidos, códigos e os símbolos que os livros portam.

Há que se ressaltar a dimensão hospitaleira do encontro nas oficinas, de acolhimento das subjetividades e desigualdades para dominar a difícil experiência de letramento. Na intensidade do espaço cativante disposto em versos e prosa, constatamos os inúmeros relatos espontâneos dos jovens que acompanhamos, oralizações na forma de depoimentos e auto-revelações entrelaçados aos textos lidos. A obra permite essas mediações, ao dizer não apenas dos seus autores, mas por meio dela, o leitor pode enunciar-se, configurando-se numa *experiência estética* que dota o *self* próprio destes símbolos que o viabilizam, numa forma de *experiência transformacional*. (Bollas, 1978)[3] Entendemos a atuação dos Oficineiros baseada em uma postura de proximidade, contenção e confiabilidade, estimulantes do contato literário e cultural. Testemunhamos muitas vezes a composição de parcerias dos leitores com os mediadores disponíveis, em vinculações que têm efeitos inéditos: ouvir leituras envolventes, ler diante do outro, ler *para o outro* que os escuta intimamente, passa a fazer sentido na vida dos jovens. Paulatinamente eles começam a solicitar livros, vídeos e documentários a título de empréstimo para consumirem em casa. Em seus relatos e comentários da apropriação que fizeram dos objetos culturais disponibilizados, tornam-se autores, atores, cidadãos mais despertos e exigentes. Esses se constituíram em alguns dos desdobramentos desejáveis dos encontros nas Oficinas.

Como posicionamento ético e abordagem literária, as Oficinas de Leitura e de Narrativas que desenvolvemos, se afastam de uma vertente normativa e ortopédica/corretiva. Os dizeres de RIOS (1998) lembram-nos da liberdade evocativa de cada palavra e mensagem, num movimento de enlace entre autor/leitor:

Um texto literário tem alma livre. Cada palavra contém e está contida numa rede de significações que não se encerram numa única interpretação. E se caímos na tentação de colocá-lo dentro de algum enquadre, vemos que ele transborda e escorre por fissuras que nos surpreendem. Será sempre um texto que nos chama para algo que se encontra e se perde a cada leitura. [...] é uma mensagem que não tem necessariamente qualquer compromisso intelectual, e talvez por isso mesmo seja tão atraente. Ela é para todos e serve a qualquer pensar na visão comum ou complexa de cada espectador-cúmplice do momento ou sentimento do autor. Eu o leio e o entendo porque compartilho da sua angústia, sua perplexidade e seu vigor. Vou me tornando sua confidente no movimento dos seus-meus desejos, seus-meus conflitos e sua necessidade de escuta na sua urgente demanda de escrever para

alguém. E então vamos ficando íntimos e únicos porque agora não é só o autor, somos nós e nossa dupla é singular. (p. 147)

Os jovens entendem que não gostam de ler, que essa é uma tarefa enfadonha, diante da qual sentem preguiça ou sonolência, declarando-se inaptos para esta tarefa; eles nada sabem acerca dos macro-fatores sociais, político e educacionais, excludentes e geradores das desigualdades, que lhes usurparam as habilidades e inclinações para se inserirem culturalmente, assim como subtraíram-lhes a experiência de deleite com a leitura. O livro é considerado um objeto-coisa, não-familiar, enveredar por suas frases impressas é uma incumbência da qual se deve descartar; tanto mais extenso o seu texto e menos ilustrado, maiores as possibilidades de ser dispensado. A maioria desses não-leitores, conceituados em Almeida (2008) como *neoleitores*[4], desconhece que este padrão de fracasso e de desestímulo, ou seja, que o sentimento de aversão e desinteresse pelos objetos da cultura, é efeito de uma histórica exclusão cultural, que redundou em outras formas de segregação.

Autores como Megale e Teixeira (1998)[5] chamaram a atenção para modos inéditos de organização subjetiva no lastro dos vertiginosos avanços tecnológicos. Imersos em um padrão de comunicação instantânea e embasada na visualização, a escrita e leitura terminam sendo impactadas e constrangidas, na pressa da vida contemporânea, pelos atrativos das imagens e sinais ilustrativos.

O trabalho com os adolescentes em circunstâncias de violência intrafamiliar revelou-nos também que, são mais susceptíveis ao padrão *avesso à leitura* aqueles mais prejudicados no tocante à estruturação, permanência e solidez do vínculo familiar; enquadram-se aqui os expostos às situações de demérito, não-disponibilidade afetiva ou até mesmo rejeição e abandono parentais. Contrariamente, a empatia na comunicação com o filho, o incentivo e a valorização de seus esforços, idéias e conquistas (e não apenas as acadêmicas), podem ser propiciadoras de uma familiaridade e maior confiança no que se refere à aventura imaginativa com os textos. Estes serão mais facilmente aceitos e incorporados à vida dos adolescentes, quanto mais venham a contemplar suas etapas maturacionais e vivências sócio-culturais.

Em nossa experiência constatamos também que a leitura familiar pode vir a configurar-se como propiciadora de renovadas formas de comunicação no cotidiano doméstico, propiciando aos indivíduos uma otimização nas interações, com potencial de resiliência aos agravos vigentes nos lares. Um convívio estimulante, horizontalizado e respeitoso com relação às diferenças, estimula o gosto pela expressão lúdica, criativa, poética em todas as formas de ser e de viver. \_

Ao longo deste tempo, dessas trilhas culturais percorridas, nos abrimos também para novos ângulos de investigação que nos propiciaram o contato com outras comunidades desfavorecidas, para fomentar experiências de implantação de bibliotecas comunitárias e de oficinas de literatura com adolescentes em cursinhos solidários em esquema de pré-vestibular; são vias abertas neste ano que têm-nos colocados desafios renovados e nos levam à flexibilização metodológica em enquadres diferenciados, especialmente quanto à montagem de nosso dispositivo, à sistemática de indicação e de apresentação dos textos... enfim capturados em novas articulações de signos, de sujeitos discursivos que nos levam a rever nossas dinâmicas e nos redimensionar, ganhamos em potências. Compomos novas histórias, agora em parceria com atores que não mais renunciam ao seu lugar

político e poético no mundo, e que creditam à leitura esse reposicionamento existencial.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA G. P. **Práticas de Leituras para Neoleitores**. Curitiba: Ed. Pró-Infantil, 2008.

BOLLAS, C. O objeto transformacional. In: \_\_\_\_\_ **A sombra do objeto**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BORGOGNO, F. Introdução. In: \_\_\_\_\_ **A Psicanálise como Literatura e Terapia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BUENO, S. B. e CALDIN, C. F. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. In: Rev. **ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002, p. 157-170.

CAMPOS, M. D. Campos não desbravados. In: MENGARELLI, K. J. **Dos Contos, em Cantos**. Jandyra Kondera Mengarelli (org). Salvador, Ágalma, 1998, p. 145-164.

CRUZ, X. A. N. Ler e escrever: os prazeres da intimidade com o livro. In: **Novos Caminhos da Literatura**. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2008, p. 70-91.

FERRO, A. **A Psicanálise como Literatura e Terapia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KANAAN, D. A. **Escuta e Subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector**. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2002.

MACHADO, A. M. Alguns equívocos sobre leitura. In: **Novos Caminhos da Literatura**. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2008. p. 48-69.

MEGALE, F. C. S. e TEIXEIRA, J. Notas sobre a subjetividade em nossos tempos. In: **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 1998, 18, n.3, p. 48-53.

MENGARELLI, J. K. Era uma vez porque não era mais. In: \_\_\_\_\_ **Dos contos, em cantos**. Salvador, Ágalma, 1998, p. 63-70.

PETIT M. O que está em jogo na leitura hoje em dia: construir-se a si próprio. In: **Os jovens e a leitura**. São Paulo, Ed. 34, 2008, p. 59-93.

RADINO, G. **Contos de fada e realidade psíquica. A importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RIOS, I. C. À sombra da Memória. In: **Percursos**: Revista de Psicanálise, ano X, n. 20, 1998, p. 146-8.

WINNICOTT, D. A localização da experiência cultural. In: **O brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 133-143.

---

[1] Psicóloga, Psicanalista, Supervisora e Professora da Universidade de Taubaté, Doutora em Psicologia Clínica, co-autora do livro *Famílias e Instituições: enlaces possíveis*, Ed. Cabral, 2006.

[2] Projeto aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias e Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté (UNITAU), no eixo Temático: *Cultura e Subjetividade*, e submetido ao Comitê de Ética da UNITAU, tendo sido aprovado sob n. 067/08. O Projeto Travessia associa-se a outra entidade executora governamental, ou seja o Programa Aquarela (FUNDHAS-SJC) que mantém o Projeto Refazendo Laços (PRL), responsável pelas ações de prevenção.

[3] Este autor explorou a temática da transicionalidade, zona experiencial que se processa entre a realidade formal objetiva e a imaterial e subjetiva; nesse espaço onírico, psicodinâmico e poético, no qual o ato de ler ganha potência e deixa de ser um fato mecânico, Bollas definiu o *objeto transformacional* como aquele elemento estimulante e provocador, objeto de relação, que altera a experiência de *self* ( p. 28). Sentimo-nos afortunados sempre que temos a feliz oportunidade de encontrar um texto, numa boa experiência de leitura, que opere esses efeitos de expandir, criar, integrar e consolidar ou metamorfosear profundamente nosso senso de íntimo e nossa visão de mundo.

[4] O professor Geraldo Peçanha de Almeida (2008) conceitua como Neoleitores aqueles que, embora iniciados na alfabetização ou formalmente alfabetizados, ainda não possuem as competências para a diversidade de estímulos e exigências que o ler acarreta, especialmente aqueles que solicitam um código de significâncias e sentidos, a capacidade para estabelecer nexos entre o lido e o vivido, o pensar mais ampla e criticamente, ou seja estar passível de ser transformado a partir da leitura.

[5] Recomendo a leitura deste artigo muito revelador, no qual os autores argumentaram quanto ao estímulo e favorecimento das referências da ordem da imagem, em detrimento daquelas que implicam no uso da palavra, especialmente a impressa.





## **Projeto Travessia: Das Oficinas de Contos e Narrativas de Histórias à Cultura e Cidadania.**

Autora: Tereza Elizete Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este projeto extensionista busca implementar ações de promoção, reconhecimento e valorização da diversidade cultural, através do incentivo à leitura junto a adolescentes em alto risco de vulnerabilidade psicossocial. Através de práticas multiculturais, visamos dirimir os efeitos da *exclusão cultural* que acomete esses jovens, transformando sua condição de vítimas à de cidadãos plenos. Consideramos que a leitura é um *direito humano* fundamental nem sempre assegurado a todos os brasileiros, portanto buscamos viabilizar o acesso dos beneficiados aos artefatos culturais e sociais tão necessários à preservação do senso de dignidade e desenvolvimento humanos. As Oficinas de Leitura são promovidas no âmbito institucional e comunitário e consistem em instâncias grupais de leitura, escuta e de narrativas, que permitem revisitar, tecer e ordenar a história pessoal traumática, além de apontar para formas cidadãs de intervir na vida em sociedade pela via do protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Violência, Exclusão Cultural, Cidadania.

*“Há histórias de todas as espécies. Algumas nascem ao serem contadas; sua substância é a linguagem e, antes que alguém as ponha em palavras, são apenas uma emoção, um capricho da mente, uma imagem ou uma reminiscência intangível. (...) E há histórias secretas que permanecem ocultas nas sombras da memória. (...) Por vezes, para exorcizar os demônios de uma recordação, é necessário contá-la como um conto.”*  
( I. Allende, 1991)

O presente relato versa sobre um projeto extensionista desenvolvido desde o ano de 2008 no município de São José dos Campos, com o apoio da PREX-UNITAU, e tem como objetivo implementar ações de prevenção secundária especializada quanto às manifestações de violência, em particular a violência intrafamiliar. Como eixo norteador, insere-se na direção da construção e afirmação de políticas públicas protetivas a crianças e adolescentes, reconhecidos como sujeitos de direitos. Somos profissionais afeitos ao estudo das questões da subjetividade e inserção cultural e, neste percurso, consideramos o fator da violência como um dos mais pujantes da vida atual, responsável por conflitos e transtornos de toda ordem. As ações que desenvolvemos resultam de um esforço de cooperação das redes intra e interinstitucionais, de parcerias e coresponsabilização no atendimento integral a crianças e adolescentes em circunstâncias de elevado risco psicossocial. Muitos deles, negligenciados e banidos de seus lares, experimentaram desde muito cedo a instalação transitória ou definitiva em instituições, a perversa imersão na vivência de rua e marginalidade, e

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista, Supervisora e Professora da Universidade de Taubaté, Doutora em Psicologia Clínica, co-autora do livro *Famílias e Instituições: enlaces possíveis*, Ed. Cabral, 2006.

neste exílio, o impactante confronto com a lei. Alguns dos jovens acompanhados se encontram em condição de cumprimento de medidas sócio-educativas.

As Oficinas do Projeto Travessia são assim promovidas no âmbito institucional e comunitário e consistem em instâncias de escuta, narrativas e de produção textual, plástica ou cênica, que visam dirimir os efeitos da **exclusão cultural**, retirando os jovens do circuito de repetição dos maus-tratos e marginalização. Por meio desta pesquisa-interventiva<sup>2</sup>, que pretendemos seja de alto impacto social e educacional, adotamos estratégias educativo-terapêutico grupais, as quais objetivam à redução de riscos e de danos.

Oportunizamos aos adolescentes um contato com os produtos culturais que fazem parte da identidade brasileira, de modo a instigá-los na direção de um pensamento crítico-reflexivo, e a possibilitar-lhes transpor a realidade da violência para uma atitude pró-social inclusiva e cidadã. Nosso foco é o incentivo ao protagonismo juvenil, em termos do sentimento de pertencimento e de participação sócio-cultural implicada, voltados ao combate dos preconceitos e desigualdades que abatem esses cidadãos. Buscamos assim romper com a fatalidade social que ameaça esta população, instaurando um movimento de acontecer transformador, num tempo gerúndio que não se esgota e nem se conclui, portanto não há limite para a permanência do jovem no projeto.

As travessias no mundo das palavras e idéias, o ler, refletir e dialogar, permitem revisitar e ordenar a história pessoal traumática; deste modo conflitos podem ser simbolizados, mobilizam-se memórias afetivas e a elaboração imaginativa, despertas em contexto de segurança e de contenção, como pretendemos nas Oficinas.

Os encontros comportam debates, comunicação em murais de notícias, produção gráfica, jogos cênicos, discussões a partir de leituras e de projeções de filmes, visitas a sebos e livrarias, feiras culturais, lançamentos editoriais e cinematográficos; incluem ainda contatos com contadores de histórias, livreiros, realização de entrevistas com autores regionais. Visamos também as construções/criações de textos poéticos, teatrais, musicados, o que quer que se esboce nas manifestações escritas dos adolescentes.

A denominação *Travessia* pela referência a movimento, passagens e transposições, em oportunidades vigorosas de mudanças e de reintegração social, disponibilizando-lhes símbolos e deslizamentos subjetivantes, do lugar da violência bruta na qual se constituíram. Pretendemos estimular o senso de inclusão e de equidade dos jovens, contrapondo a intolerância, o ócio e as atividades ilícitas, à mobilização e participação conscientes.

Temos em consideração que a leitura é uma necessidade cidadã e um direito humano fundamental, portanto incentivamos e viabilizamos a democratização e o acesso aos bens culturais disponíveis. Por outro lado

---

<sup>2</sup> Projeto aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias e Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté (UNITAU), no eixo Temático: *Cultura e Subjetividade*, e submetido ao Comitê de Ética da UNITAU, tendo sido aprovado sob n. 067/08. O Projeto Travessia associa-se a outra entidade executora governamental, ou seja o Programa Aquarela (FUNDHAS-SJC) que mantém o Projeto Refazendo Laços (PRL), responsável pelas ações de prevenção.

o desinteresse pela leitura e a conseqüente segregação cultural, constituem fator de vulnerabilidade e de desestímulo no enfrentamento da violência, levam à expropriação de talentos e de oportunidades, e disseminam a desesperança nos jovens, quanto ao seu porvir. Compreendemos que a imersão alienada e precoce no trabalho infanto-juvenil, explorador e incapacitante, é subsidiada pela marginalização, desassistência e evasão escolar que afastam o jovem da autonomia, emancipação e desenvolvimento.

As Oficinas do Travessia como outras experiências de estímulo à boa leitura, contribuem para ampliar as funções imaginativas, favorecem a estruturação do pensamento criativo e construtivo e as habilidades de comunicação oral e escrita; todavia elas se pautam por oferecerem um lugar de sustentação simbólica àqueles carentes de significação, de unicidade e valorização de si. Na prática elas mostram-se propiciadoras do aumento das competências afetivo-culturais dos indivíduos, no sentido de transformar as suas realidades adversas, com respostas culturais e sociais mais criativas e eficazes. Os adolescentes encontram meios para (re)instaurar os sentidos de ser e de estar no mundo incluindo-se nele condignamente, movimentos de identificação que requerem um esforço existencial-literário contínuo. Além de necessários à compreensão de seu universo, os relatos, contos e cantos promovem ainda uma significativa articulação intrapsíquica nos leitores, com efeitos nos padrões de auto-percepção e de formação de valores, que se refletem nos laços sociais e transformam o convívio familiar. Assim sendo, o texto bibliográfico concerne sempre à constituição do sujeito.

Ler não é nunca um ato inócuo, pois deriva questionamentos e permutas, atíça renovadas decomposições e composições. Encontros e dissonâncias se põem em curso. Há constituição e recuperação de sentidos pessoais, ativados nos espelhamentos das identificações e projeções que se processam em maior ou menor intensidade durante a leitura. Ler é deparar-se com o universo do outro, neste sentido é alienar-se, perder-se... porém é, sobretudo, encontrar-se, reconhecer-se.

Pensamos com Almeida (2008) que, a leitura se afirma como “ato político”, indissociável do exercício da cidadania. Nesta direção posicionamo-nos como mediadores da experiência de ler e de existir, cultivando idéias e expressões linguageiras favorecedoras, que dêem sentido à própria história e abram veredas cidadãs.

Na tarefa de formação de cidadãos/leitores ouvimos dos jovens que se iniciam na freqüência às Oficinas, especialmente daqueles mais alheios ao universo livresco, que a experiência de ler, quase sempre relacionada à exigência escolar e à produção acadêmica, consiste numa vivência pouco criativa e entediante. O convite a ler costuma ser recebido por alguns deles com desconfiança, indiferença ou, até mesmo, com franca resistência. Tais dificuldades têm-nos conduzido na direção de buscar e inventar pontes para superar os estados de segregação, nos quais se ocultam. Petit (2008) alerta para uma postura não-invasiva na apresentação dos textos e idéias, pois “a novidade pode ser sentida como ameaçadora” (p. 179), vivência que detectamos nos adolescentes diante do estranho. Observamos que, gradativamente, a imersão deles em um universo cultural distinto, tal

como oportunizado no Travessia, faz despontar no seu cotidiano relacional e afetivo, os sentidos, códigos e os símbolos que os livros portam.

Há que se ressaltar a dimensão hospitaleira do encontro nas oficinas, de acolhimento das subjetividades e desigualdades para dominar a difícil experiência de letramento. Na intensidade do espaço cativante disposto em versos e prosa, constatamos os inúmeros relatos espontâneos dos jovens que acompanhamos, oralizações na forma de depoimentos e auto-revelações entrelaçados aos textos lidos. A obra permite essas mediações, ao dizer não apenas dos seus autores, mas por meio dela, o leitor pode enunciar-se, configurando-se numa *experiência estética* que dota o *self* próprio destes símbolos que o viabilizam, numa forma de *experiência transformacional*. (Bollas, 1978)<sup>3</sup> Entendemos a atuação dos Oficineiros baseada em uma postura de proximidade, contenção e confiabilidade, estimulantes do contato literário e cultural. Testemunhamos muitas vezes a composição de parcerias dos leitores com os mediadores disponíveis, em vinculações que têm efeitos inéditos: ouvir leituras envolventes, ler diante do outro, ler *para o outro* que os escuta intimamente, passa a fazer sentido na vida dos jovens. Paulatinamente eles começam a solicitar livros, vídeos e documentários a título de empréstimo para consumirem em casa. Em seus relatos e comentários da apropriação que fizeram dos objetos culturais disponibilizados, tornam-se autores, atores, cidadãos mais despertos e exigentes. Esses se constituíram em alguns dos desdobramentos desejáveis dos encontros nas Oficinas.

Como posicionamento ético e abordagem literária, as Oficinas de Leitura e de Narrativas que desenvolvemos, se afastam de uma vertente normativa e ortopédica/corretiva. Os dizeres de RIOS (1998) lembram-nos da liberdade evocativa de cada palavra e mensagem, num movimento de enlace entre autor/leitor:

Um texto literário tem alma livre. Cada palavra contém e está contida numa rede de significações que não se encerram numa única interpretação. E se caímos na tentação de colocá-lo dentro de algum enquadre, vemos que ele transborda e escorre por fissuras que nos surpreendem. Será sempre um texto que nos chama para algo que se encontra e se perde a cada leitura. (...) é uma mensagem que não tem necessariamente qualquer compromisso intelectual, e talvez por isso mesmo seja tão atraente. Ela é para todos e serve a qualquer pensar na visão comum ou complexa de cada espectador-cúmplice do momento ou sentimento do autor. Eu o leio e o entendo porque compartilho da sua angústia, sua perplexidade e seu vigor. Vou me tornando sua confidente no movimento dos seus-meus desejos, seus-meus conflitos e sua necessidade de escuta na sua urgente demanda de escrever para alguém. E então vamos ficando íntimos e únicos porque agora não é só o autor, somos nós e nossa dupla é singular. (p. 147)

Os jovens entendem que não gostam de ler, que essa é uma tarefa enfadonha, diante da qual sentem preguiça ou sonolência, declarando-se inaptos para esta tarefa; eles nada sabem acerca dos macro-fatores

---

<sup>3</sup> Este autor explorou a temática da transicionalidade, zona experiencial que se processa entre a realidade formal objetiva e a imaterial e subjetiva; nesse espaço onírico, psicodinâmico e poético, no qual o ato de ler ganha potência e deixa de ser um fato mecânico, Bollas definiu o *objeto transformacional* como aquele elemento estimulante e provocador, objeto de relação, que altera a experiência de *self* (p. 28). Sentimo-nos afortunados sempre que temos a feliz oportunidade de encontrar um texto, numa boa experiência de leitura, que opere esses efeitos de expandir, criar, integrar e consolidar ou metamorfosear profundamente nosso senso de íntimo e nossa visão de mundo.

sociais, político e educacionais, excludentes e geradores das desigualdades, que lhes usurparam as habilidades e inclinações para se inserirem culturalmente, assim como subtraíram-lhes a experiência de deleite com a leitura. O livro é considerado um objeto-coisa, não-familiar, enveredar por suas frases impressas é uma incumbência da qual se deve descartar; tanto mais extenso o seu texto e menos ilustrado, maiores as possibilidades de ser dispensado. A maioria desses não-leitores, conceituados em Almeida (2008) como *neoleitores*<sup>4</sup>, desconhece que este padrão de fracasso e de desestímulo, ou seja, que o sentimento de aversão e desinteresse pelos objetos da cultura, é efeito de uma histórica exclusão cultural, que redundará em outras formas de segregação.

Autores como Megale e Teixeira (1998)<sup>5</sup> chamaram a atenção para modos inéditos de organização subjetiva no lastro dos vertiginosos avanços tecnológicos. Imersos em um padrão de comunicação instantânea e embasada na visualização, a escrita e leitura terminam sendo impactadas e constrangidas, na pressa da vida contemporânea, pelos atrativos das imagens e sinais ilustrativos.

O trabalho com os adolescentes em circunstâncias de violência intrafamiliar revelou-nos também que, são mais susceptíveis ao padrão *avesso à leitura* aqueles mais prejudicados no tocante à estruturação, permanência e solidez do vínculo familiar; enquadram-se aqui os expostos às situações de demérito, não-disponibilidade afetiva ou até mesmo rejeição e abandono parentais. Contrariamente, a empatia na comunicação com o filho, o incentivo e a valorização de seus esforços, idéias e conquistas (e não apenas as acadêmicas), podem ser propiciadoras de uma familiaridade e maior confiança no que se refere à aventura imaginativa com os textos. Estes serão mais facilmente aceitos e incorporados à vida dos adolescentes, quanto mais venham a contemplar suas etapas maturacionais e vivências sócio-culturais.

Em nossa experiência constatamos também que a leitura familiar pode vir a configurar-se como propiciadora de renovadas formas de comunicação no cotidiano doméstico, propiciando aos indivíduos uma otimização nas interações, com potencial de resiliência aos agravos vigentes nos lares. Um convívio estimulante, horizontalizado e respeitoso com relação às diferenças, estimula o gosto pela expressão lúdica, criativa, poética em todas as formas de ser e de viver.

Ao longo deste tempo, dessas trilhas culturais percorridas, nos abrimos também para novos ângulos de investigação que nos propiciaram o contato com outras comunidades desfavorecidas, para fomentar experiências de implantação de bibliotecas comunitárias e de oficinas de literatura com adolescentes em

---

<sup>4</sup> O professor Geraldo Peçanha de Almeida (2008) conceitua como Neoleitores aqueles que, embora iniciados na alfabetização ou formalmente alfabetizados, ainda não possuem as competências para a diversidade de estímulos e exigências que o ler acarreta, especialmente aqueles que solicitam um código de significâncias e sentidos, a capacidade para estabelecer nexos entre o lido e o vivido, o pensar mais ampla e criticamente, ou seja estar passível de ser transformado a partir da leitura.

<sup>5</sup> Recomendo a leitura deste artigo muito revelador, no qual os autores argumentaram quanto ao estímulo e favorecimento das referências da ordem da imagem, em detrimento daquelas que implicam no uso da palavra, especialmente a impressa.

cursinhos solidários em esquema de pré-vestibular; são vias abertas neste ano que têm-nos colocados desafios renovados e nos levam à flexibilização metodológica em enquadres diferenciados, especialmente quanto à montagem de nosso dispositivo, à sistemática de indicação e de apresentação dos textos... enfim capturados em novas articulações de signos, de sujeitos discursivos que nos levam a rever nossas dinâmicas e nos redimensionar, ganhamos em potências. Compomos novas histórias, agora em parceria com atores que não mais renunciam ao seu lugar político e poético no mundo, e que creditam à leitura esse reposicionamento existencial.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA G. P. **Práticas de Leituras para Neoleitores**. Curitiba: Ed. Pró-Infantil, 2008.

BOLLAS, C. O objeto transformacional. In: \_\_\_\_\_ **A sombra do objeto**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BORGOGNO, F. Introdução. In: \_\_\_\_\_ **A Psicanálise como Literatura e Terapia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BUENO, S. B. e CALDIN, C. F. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. In: Rev. **ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002, p. 157-170.

CAMPOS, M. D. Campos não desbravados. In: MENGARELLI, K. J. **Dos Contos, em Cantos**. Jandyra Kondera Mengarelli (org). Salvador, Ágalma, 1998, p. 145-164.

CRUZ, X. A. N. Ler e escrever: os prazeres da intimidade com o livro. In: **Novos Caminhos da Literatura**. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2008, p. 70-91.

FERRO, A. **A Psicanálise como Literatura e Terapia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KANAAN, D. A. **Escuta e Subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector**. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2002.

MACHADO, A. M. Alguns equívocos sobre leitura. In: **Novos Caminhos da Literatura**. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2008. p. 48-69.

MEGALE, F. C. S. e TEIXEIRA, J. Notas sobre a subjetividade em nossos tempos. In: **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 1998, 18, n.3, p. 48-53.

MENGARELLI, J. K. Era uma vez porque não era mais. In: \_\_\_\_\_ **Dos contos, em cantos**. Salvador, Ágalma, 1998, p. 63-70.

PETIT M. O que está em jogo na leitura hoje em dia: construir-se a si próprio. In: **Os jovens e a leitura**. São Paulo, Ed. 34, 2008, p. 59-93.

RADINO, G. **Contos de fada e realidade psíquica. A importância da fantasia no desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RIOS, I. C. À sombra da Memória. In: **Percorso:** Revista de Psicanálise, ano X, n. 20, 1998, p. 146-8.

WINNICOTT, D. A localização da experiência cultural. In: **O brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 133-143.